

04/04/2020

Página C6

Vida Urbana

A demora em entender gravidade do vírus se repete

O principal legado da gripe espanhola para o Brasil, na avaliação da historiadora da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) e professora de pós-graduação em história das ciências e da saúde, Dilene do Nascimento, foi a criação, em dezembro de 1919, do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que daria maior amplitude aos serviços sanitários federais.

Segundo a pesquisadora, além do desconhecimento sobre a doença, as instituições públicas de saúde eram precárias na época. "No Rio de Ja-

neiro, por exemplo, o diretor de Saúde (Carlos Seidl) demorou muito para tomar medidas. Ele foi demitido e substituído por Theóphilo Torres, que procurou correr atrás e diminuir os danos, mas a epidemia já estava instalada. A transmissão foi tão rápida, que, em dois meses, morreram 15 mil pessoas no Rio de Janeiro", conta a historiadora.

Em alguns lugares do mundo, a demora em entender a gravidade de um novo vírus que já estava circulando foi um erro repetido em 2020. Na China, até 23 de janeiro só 14% ti-

nham sido identificados.

"Hoje, existe a recomendação para ficar em casa. Na época, não houve. Em 1918 não havia pessoas nas ruas não porque houve medida das autoridades de saúde pública. A professora, a diretora, o coveiro haviam morrido. O cenário era dramático. Pessoas não podiam enterrar seus entes e colocavam os corpos na porta de casa para carocinha passar e levar para enterro em vala comum", afirma.

Para o chefe do serviço de Infectologia do Hospital das Clínicas (HC) e professor asso-

ciado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Paulo Sérgio Ramos, a principal lição deixada por pandemias anteriores é que planos de contingência precisam ser criados tão logo ocorram os alertas da Organização Mundial de Saúde (OMS) para casos de emergência em saúde pública. "O principal erro é que não temos conseguido estabelecer políticas públicas direcionadas às questões sociais. Nesta epidemia da Covid-19, temos observado que a vulnerabilidade social dos grupos de risco,

principalmente os idosos, tem sido uma questão que não estamos conseguindo resolver", observa o infectologista.

Dilene do Nascimento resalta que epidemias são um problema coletivo e, portanto, a responsabilidade é do estado. "Precisamos aprender que não adianta um indivíduo tomar uma medida. Todos precisam tomar. É efetivamente um problema coletivo. Por ser coletivo, o estado tem que cuidar, resolver e suprir as pessoas para elas não morrerem de fome", enfatiza a historiadora.

3

Perguntas

Paulo Sérgio Ramos // chefe do serviço de Infectologia do Hospital das Clínicas da UFPE

Quais são as semelhanças entre a Covid-19 e outras pandemias do passado?

As diferenças são inúmeras e, em parte, devido a um contexto completamente diferente daqueles em que ocorreram outras pandemias, como a varíola, a cólera, a peste e mais recentemente as gripes pelo vírus A(H1N1). Hoje, temos uma população global muito maior, maior densidade demográfica nos centros ur-

banos, meios de transporte que permitem facilmente a disseminação de patógenos, inclusive entre continentes, além da questão da comunicação imediata e em tempo real, o que leva a celeridade da informação entre as pessoas. No passado, não havia um conhecimento claro sobre os mecanismos de transmissão das doenças, assim como não havia medicamentos e tão pouco vacinas que pudessem contro-

lar a proliferação dos surtos epidêmicos.

É possível traçar um paralelo entre a gripe espanhola e a Covid-19?

A gripe espanhola ocorreu logo após o período da Primeira Guerra Mundial e, em poucos meses, foi capaz de matar mais de 50 milhões de pessoas, sendo relatada no meio acadêmico como a pior e mais destruidora das epidemias até hoje reportadas,

tendo ocorrido entre 1918-1920. Apenas após algumas décadas, a ciência pôde relacionar aquela epidemia ao vírus Influenza A(H1N1). É importante salientar que esse mesmo vírus circula desde 2009, quando ocasionou uma grande epidemia e que, desde então, circula anualmente nos períodos de sazonalidade em todo o mundo. Entretanto, não tem apresentado quadros tão graves como aqueles do início do sé-

culo passado. Vale ainda salientar que temos uma vacina há vários anos para a prevenção de gripe que protege para três vírus diferentes: A(H1N1), A(H3N2) e B. Estamos no momento em plena campanha vacinal para idosos e profissionais de saúde.

O que podemos aprender com a pandemia atual?

Estamos aprendendo e sairemos muito melhor após esta grave crise em alguns

domínios com a e (tossir e da cam pel); o c nização mudan to de pr que im das e hospital exercen lidarieo socieda da vez

